



1 3

ILUSTRAÇÕES NA OBRA HANS STADEN DUAS VIAGENS AO BRASIL

Fábio Sales

Algumas ilustrações têm mais de um plano de ação no mesmo quadro. É o que encontramos ao longo da narrativa que o marinheiro/artilheiro alemão Hans Staden produziu após suas duas estadas no Brasil no século XVI.

O livro **Hans Staden, Duas Viagens ao Brasil**, lançado em 1557 na Alemanha, foi escrito pelo “doutor” Dryander com base nos relatos de Hans Staden sobre suas visitas ao Brasil. O autor original das xilogravuras ainda não foi identificado (talvez não seja), mas depois foram refeitas pelo gravador flamengo Theodor de Bry. Há especulações de que algumas ilustrações, ou alguns rascunhos, foram feitos por Hans Staden, mas também ainda não houve confirmação disso.

O recurso da narrativa textual é fundamental para contextualizar o que está representado na ilustração, porém não há legendas e sim o texto “corrido”. E a ilustração é o apoio visual para que os leitores da época visualisassem as situações e ambientes totalmente estranhos ao cotidiano deles. Porém, sem as ilustrações a obra pode ser compreendida, pois é bem descritiva. A obra é um livro com ilustrações e acho difícil podermos considerar esta obra como um livro ilustrado, pois o tema é bem exposto no texto e é totalmente compreensível sem o apoio das imagens. Fiz este breve comentário apenas para pontuar. Meu objetivo não é acadêmico e nem tentar rotular a obra (nem acho que precise), quero apenas considerar o que ocorre nas ilustrações em si.



Separei as ilustrações que considere mais pertinentes.

É interessante notar que em algumas o desenhista ilustra dois momentos de situações vividas por Hans Staden no mesmo quadro. E em outras ele registra a passagem do tempo ou alterações do clima, também no mesmo quadro. Outro detalhe é o sentido de proporção quando pessoas e o navio são representados na mesma ilustração, como nos desenhos mostrados.

Na Figura 1, notamos que o marinheiro faz a leitura noturna de localização do lado esquerdo e ele mesmo (ou outro) faz a leitura de dia do lado direito. Os dois estão claramente fora de proporção em relação ao navio e os períodos do dia estão ali representados no mesmo quadro. Também notamos na flâmula superior duas iniciais, porém não identificadas até o momento. Seria do desenhista original? Seria dos dois autores (Dryander e Hans)? Teria outro significado? Quase 500 anos depois, alguns detalhes do ilustrador original são desconhecidos.



Figura 1

Na Figura 2, também está representada a passagem do tempo, enfatizando aqui a mudança no clima. À esquerda, a tempestade assola a aldeia e atrapalha a pescaria. À direita, Hans está ao lado de dois indígenas em posição de reza enquanto a chuva não se abate sobre eles. No texto, a explicação é de que os companheiros de Hans pediram para ele rezar para que a chuva não caísse sobre eles pois estaria atrapalhando a pescaria e, segundo a narrativa, deu resultado. Novamente o sentido de proporção não é levado em conta para que todos os elementos estejam representados na ilustração. Neste caso, não segui a ordem cronológica do livro, pois o objetivo é retratar as ilustrações com tempos diferentes. Aqui, ele já havia sido capturado e convivia com os indígenas como prisioneiro.



Figura 2

Na Figura 3, novamente a proporção não é levada em conta (representação de cidades, pessoas e embarcações). Na Ilha da Madeira, mais para dentro da ilha, a cidade de Funchal, na qual o navio de Hans se abasteceu de víveres. Na extremidade da ilha, a cidade de Cabo Chir. Duas ações que se desenrolaram em momentos diferentes protagonizadas pela embarcação de Hans. Na parte de baixo, a captura de um navio espanhol em frente a Cabo Chir. Na parte de cima, após a captura, uma tentativa de capturar um outro navio ancorado perto da costa. Porém, tentativa frustrada pelos mouros que acodem a cavalo e em botes.



Figura 3

Nestas próximas duas ilustrações, vemos batalhas próximas às habitações dos nativos. Para não cansar você, leitor, não comentarei mais sobre a não proporção dos desenhos, pois isso é recorrente do estilo do ilustrador (ou da época).

A descrição no texto é bem interessante das táticas utilizadas pelos indígenas para impedir que inimigos avancem pelo rio e acessem as aldeias. Na Figura 4 (estamos em Igarapé, próximo a Olinda), vemos que o barco dos portugueses tentou avançar pelo rio ao sair de uma aldeia que estava cercada para encontrar víveres e ajuda, enquanto os inimigos criavam obstáculos (até com árvores inteiras jogadas na água) e disparavam flechas. Ao mesmo tempo, vemos, no canto inferior direito, indígenas aliados a Hans que foram abatidos e já estão esquartejados e assando na brasa. E no canto superior esquerdo, está representada a aldeia cercada e sendo defendida e na parte superior a perseguição pela floresta. Muitas ações e muito drama encaixados na ilustração e que só podem ser melhor entendidas com a leitura da narrativa (neste ponto, bem dinâmica).



Figura 4

A Figura 5 representa outra batalha, desta vez na Paraíba e contra navios franceses, quando os portugueses tentaram acessar uma aldeia para se abastecer com mantimentos. Porém não foi possível e, após a derrota, o navio de Hans rumou de volta para Portugal, finalizando a primeira viagem do protagonista ao Brasil. Interessante notar que também estão representados os habitantes da aldeia observando a batalha no mar sem participarem (estão apenas preparados para se defender).



Figura 5

De volta ao Brasil, esta segunda viagem é a que trará as recordações de experiências que deixaram marcas profundas em Hans Staden, pois foi quando ele foi confundido como sendo português e capturado pelos Tupinambás, inimigos dos portugueses e seus aliados Tupiniquins. Os Tupinambás eram aliados dos franceses (que estariam “clandestinamente” no Brasil, ou seja, invadiram a invasão cometida pelos portugueses).

Para infelicidade de Hans Staden, ele não falava francês e não conseguiu convencer seus captores de que não era inimigo deles e tampouco aliado dos portugueses. No momento de sua captura, ele estava trabalhando como artilheiro de um forte português, pois o navio (espanhol e em direção ao Rio da Prata) em que veio naufragou e ele foi resgatado justamente pelos portugueses, que só o liberariam se ele trabalhasse por um tempo na fortificação. Sem alternativa, virou “português” e quase foi devorado pelos Tamoios. O livro detalha muito bem todos os acontecimentos e situações pela quais ele passou e é um registro histórico dos hábitos dos nativos brasileiros e dos invasores das variadas nações que exploraram o Brasil. E a Figura 6 retrata o naufrágio, que ocorreu próximo a Itanhaém, bem como a luta dos sobreviventes para saírem da água e serem auxiliados pelos portugueses, além de mostrar as diversas vilas do litoral de São Paulo, como São Vicente. Temos então, naufrágio, sobrevivência, resgate e marcação de vilas, tudo no mesmo quadro.



Figura 6

Nesta Figura 7 vemos, no centro, a captura de Hans Staden e a disputa que aconteceu entre os captores para definir quem seria seu “dono”.

Ao mesmo tempo vemos Hans em uma canoa sendo levado pelos seus captores para se agrupar com os demais Tupinambás e partir em direção à terra deles.

Entre um momento e outro, ele apanhou bastante e foi ameaçado várias vezes de que seria esquartejado e comido.



Figura 7

E o suplício continua, desta vez por ação das mulheres da aldeia, como mostra a Figura 8. Agora, finalmente Hans é levado à aldeia principal (Ubatuba) em que vivem seus captores.

Segundo a tradição, é entregue às mulheres para que elas comecem a prepará-lo para os rituais de ingestão do inimigo.

Vemos ele chegando amarrado e conduzido pelas mulheres (lado esquerdo).

Um pouco mais para cima, do lado direito, as mulheres tentam cortar a barba dele.

Mais uma vez, dois momentos diferentes representados na mesma ilustração.



Figura 8

O ritual segue em frente. Na Figura 9, ele é preparado através de uma dança comandada pelas mulheres, que se reúnem no centro da aldeia e o forçam a participar.

No canto superior esquerdo ele é conduzido de um descampado onde elas cortaram as sobancelhas dele.

No quadro temos o primeiro momento, que é a condução dele, e o segundo momento, que é o principal a ser representado e tem mais destaque, a dança.

Interessante notar que também está demarcado a trilha pela qual eles chegam ao centro.



Figura 9

Na Figura 10, temos quatro momentos representados e que sem a leitura do texto não é possível compreender do que se trata. Neste momento do cárcere de Hans um outro prisioneiro, ou escravo, adoece e o protagonista recebe uma solicitação para curá-lo (vide a ilustração da rede com seu ocupante e Hans do lado). Não tendo sucesso, os Tupinambás decidem matar e devorar o cativo, sendo ele então assassinado segundo os costumes (vide ilustração abaixo da relativa à rede). Ao mesmo tempo, Hans Staden tenta argumentar para que não façam isso, mais um insucesso. O prisioneiro, após morto, é esquartejado e tem os pedaços divididos em várias fogueiras para assar (vide as ilustrações espalhadas no lado direito e superior). Por fim, após assado, é comido pelos habitantes, inclusive crianças (vide ilustrações próximas a Hans, na parte inferior, quando vemos uma criança com a cabeça do prisioneiro).



Figura 10

Interessante notar que, na Figura 11, estão representadas cenas do cotidiano da aldeia (lado superior esquerdo).

Também é mostrada a ação de tentativa de fuga de Hans Staden para um navio francês (lado direito e inferior) e seu retorno (centro).

Esta tentativa de fuga tem três momentos: Hans escapando dos Tupinambás e fugindo pela água; seu encontro com os marinheiros e a recusa em aceitá-lo no navio; seu retorno à aldeia e a conversa em que informa ter solicitado que os franceses trouxessem mercadorias para pagar um resgate por ele.

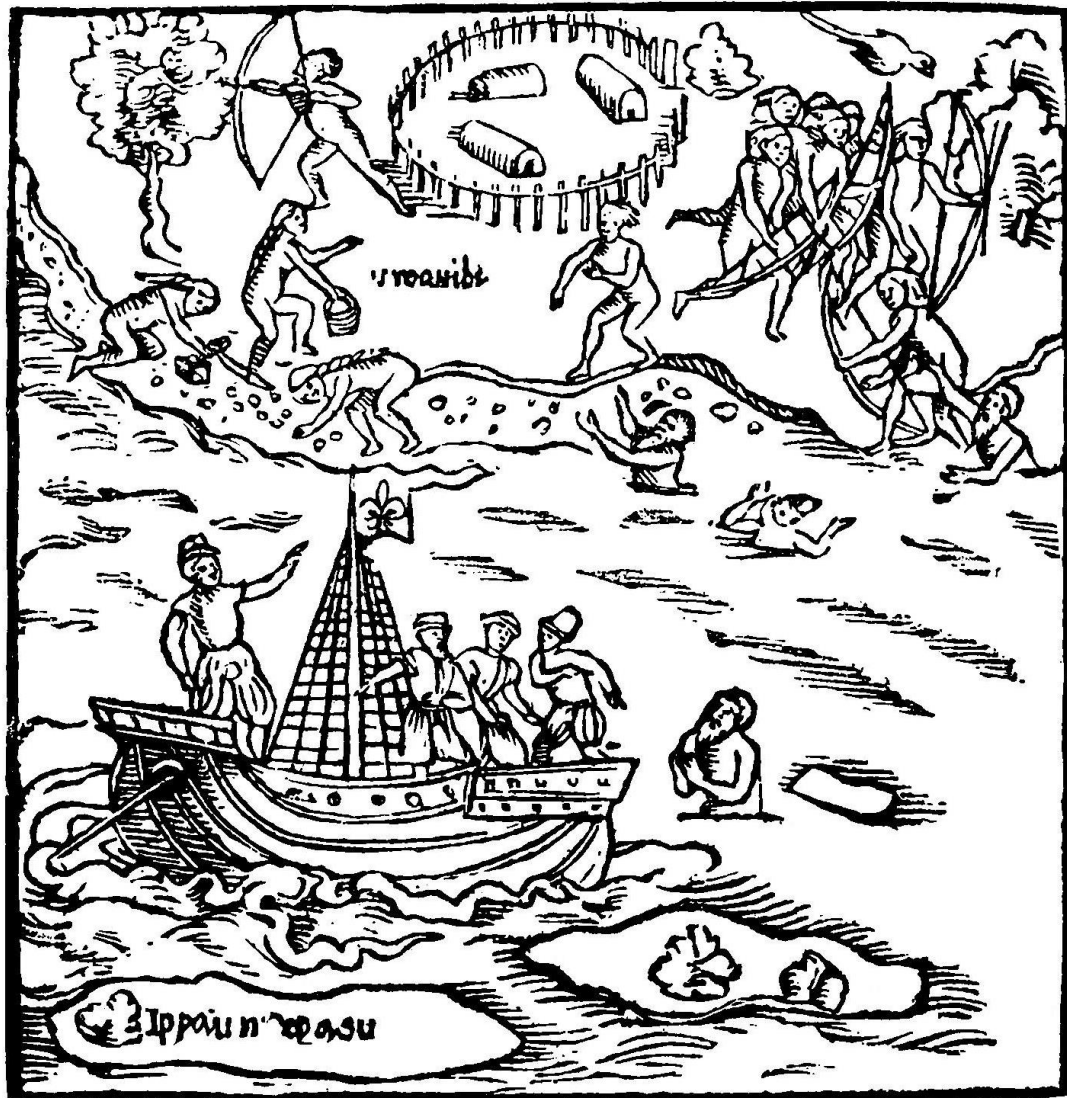


Figura 11

A Figura 12 é um quadro completamente preenchido por ilustrações (um pouco poluído com tanta informação concentrada) mostrando o que acontecia quando os Tupinambás chegavam com prisioneiros.

No canto inferior esquerdo, as canoas chegam e os prisioneiros são levados para a aldeia, divididos em duas partes: quem estava gravemente ferido era morto na praia mesmo e em seguida assado; os cativos em “bom estado” eram levados para as cabanas de cada captor para serem mortos e devorados mais tarde ou em outro dia.

Aqui também é necessária a leitura do texto para compreender melhor esta distinção. Na parte superior, ilustrações dos corpos sendo esquartejados e assados, enquanto cada captor está aguardando deitado na rede.



Figura 12

Na Figura 13, um quadro que resume o preparo das bebidas fermentadas e alcoólicas produzidas pelas mulheres.

Em sentido anti-horário: a colheita da mandioca, o primeiro cozimento; o esfriamento do caldo e a mastigação para posterior devolução em vasos especiais; o enterramento dos vasos para fermentação; por fim, a degustação final.

Aqui eu resumi bem, pois o processo está escrito no texto e a ilustração pula algumas etapas. É interessante notar que o quadro mostra os vários momentos da produção e quando se entende a sequência, apenas visualizando a ilustração podemos ter um panorama de como é essa produção.

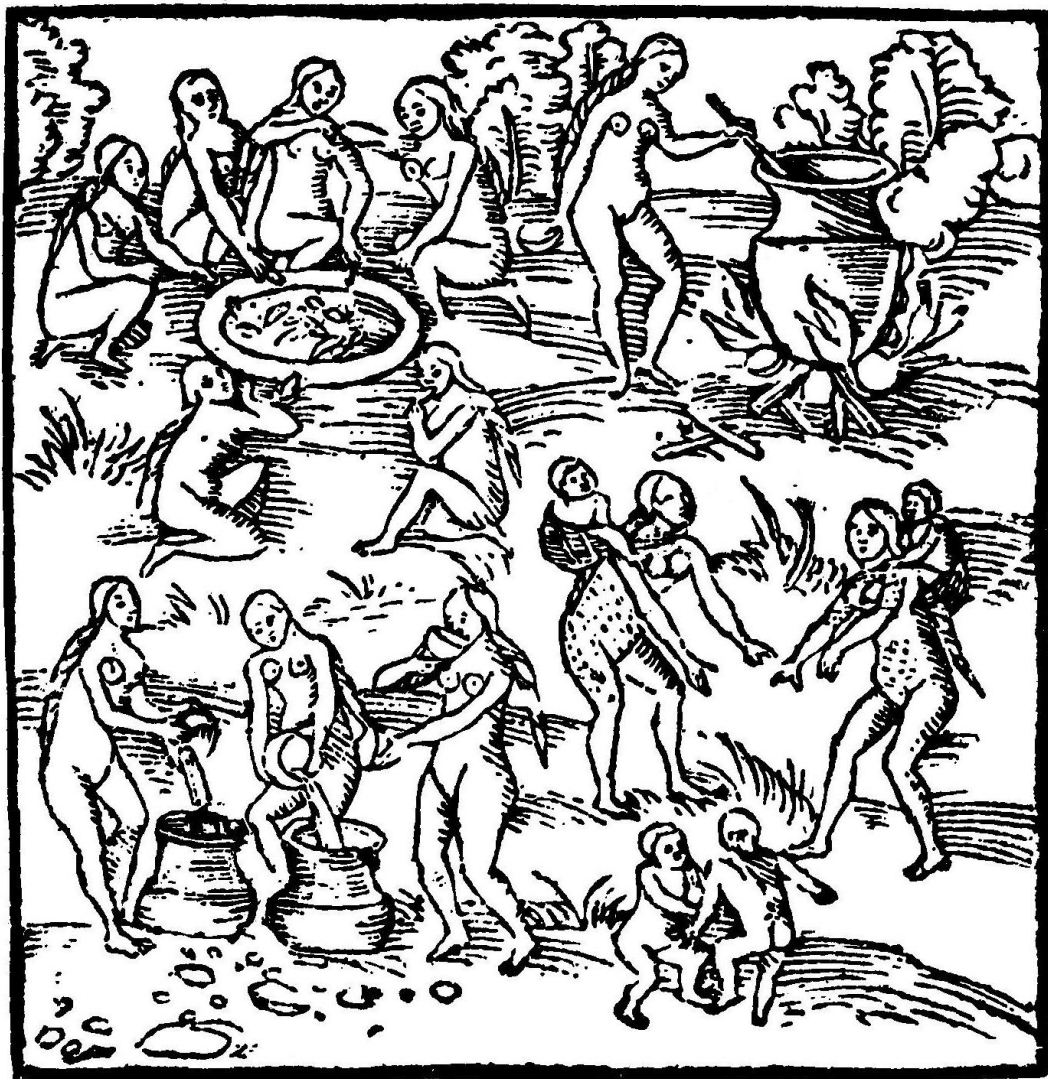


Figura 13

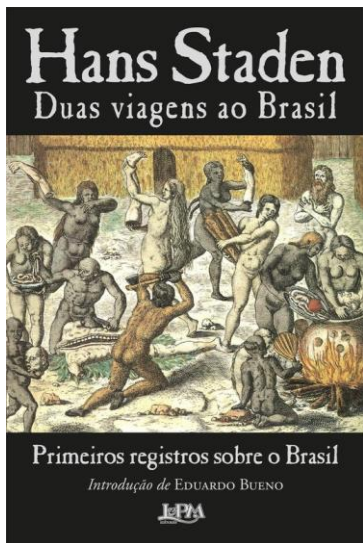
As ilustrações não representam fielmente o texto, pois são uma interpretação do relato das memórias de Hans Staden. Vale lembrar que tudo foi escrito após o retorno de Hans à Europa, pois aqui no Brasil ele não tinha como fazer anotações. Algumas situações aconteciam dentro das cabanas, porém por algum motivo não houve desenhos de interiores e as situações foram representadas ao ar livre. Fica o registro de um relato biográfico (presumindo que tudo é verdade, ou pelo menos, a visão de verdade dos autores) com apoio de ilustrações que representam costumes de época e possibilitam um maior conhecimento dos hábitos dos povos originários do Brasil (sem entrar no mérito de que essa visão é a de um europeu...). Enfim, um exemplo interessante da interação de texto e desenho e, com maior destaque, de como a narrativa visual pode representar momentos e situações em sequência no mesmo quadro.

E se há sequência, podemos dizer que cada ilustração é uma História em Quadrinhos (“muda”). Edgard Guimarães, em seu livro **Estudos sobre Histórias em Quadrinhos** aborda com muita propriedade esta visão, esmiuçando no capítulo *Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos* a argumentação que nos permite afirmar a tipificação destas ilustrações como HQs. Veja as reflexões e embasamento teórico no sítio:

<https://marcadedefantasia.com/ego/livros-revistas/livros-revistas.html>.

A obra **Hans Staden – Duas Viagens ao Brasil** que tenho, li e consultei as ilustrações é a edição da L&PM, da linha **Pocket Descobertas**. Formato 10,6x17,8cm, 182 páginas, capa colorida e miolo p&b. Primeira edição de 2008 e esta reimpressão de 2021. Há a opção em ebook e no formato maior. A Garnier/Valer também publicou a obra, em 2020, com tradução direta do alemão (1930).

As gravuras mostradas aqui foram tiradas de várias fontes, de acordo com a qualidade de cada uma: do livro da L&PM, das imagens digitalizadas do livro original, de 1557, que consta do acervo da Biblioteca Nacional (disponível aos leitores) e de imagens digitalizadas das primeiras edições brasileiras, disponíveis no blog da Biblioteca Brasileira Mindlin. Em algumas das fontes, algumas das gravuras estão com falhas na impressão, em outras o fundo do papel está muito escuro. Foram escolhidas, aqui, as que pareciam adequadas para a melhor impressão.



NOTAS COMPLEMENTARES

Fábio Sales e Edgard Guimarães

Hans Staden nasceu por volta de 1525 em Homberg, Hessen (atualmente na Alemanha), e faleceu por volta de 1576, em Wollgagen, Hessen. Esteve no Brasil duas vezes. A primeira vez entre 1547 e 1548. A segunda se iniciou em 1549, num navio espanhol que naufragou próximo a Santa Catarina. Chegou a São Paulo onde passou a viver numa fortificação na Ilha de Santo Amaro. Em 1554, foi capturado por tupinambás, que o mantiveram em cativeiro por nove meses. Por fim, conseguiu que o deixassem partir numa nau francesa.

Regressou à Alemanha em 1555. Em 1557, seu livro, atualmente conhecido no Brasil como **Duas Viagens ao Brasil**, foi publicado. Era dividido em duas partes: a primeira, um relato de suas viagens ao Brasil, e a segunda, uma compilação de textos curtos sobre usos e costumes do povo tupinambá. O livro continha um mapa e 52 xilogravuras, quase todas feitas especialmente para a edição, com base nos desenhos do próprio Staden. Continha um prefácio de Johannes Dryander, figura de relevo da época, anatomista, astrônomo e matemático, professor da Universidade de Marburg, que também fez a revisão do texto e correção de pontos relativos à ciência.

O nome original do livro era bem extenso e uma das traduções para o português é:

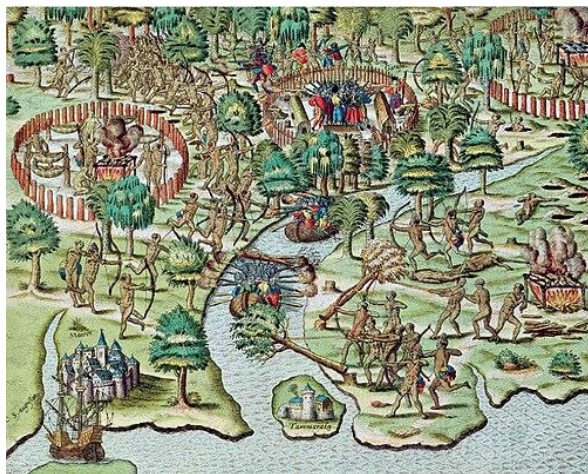
História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida Antes e Depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e Agora a Traz a Público com essa Impressão.

O livro fez muito sucesso quando de seu lançamento, em 1557, tendo logo várias reimpressões no mesmo ano, inclusive edições clandestinas por outras tipografias. A Biblioteca Nacional possui um exemplar da edição original de 1557 e outra edição, provavelmente também de 1557, certamente não autorizada, pois substituiu as gravuras originais por outras tiradas do livro **Viagem ao Oriente de Varthema**, de 1556, que não tem nada a ver com o assunto.

Nos anos seguintes, a obra continuou a ser reeditada e logo foi traduzida para outros idiomas. A edição holandesa saiu em 1558 e haveria outras no século seguinte estimuladas pela vinda dos holandeses para o Nordeste do Brasil.



Em 1592, surgiu uma tradução para o latim, publicada por Théodore de Bry, que usou as xilogravuras originais como base para fazer matrizes em metal. Abaixo a comparação entre a xilogravura original e a gravura feita por Théodore de Bry.



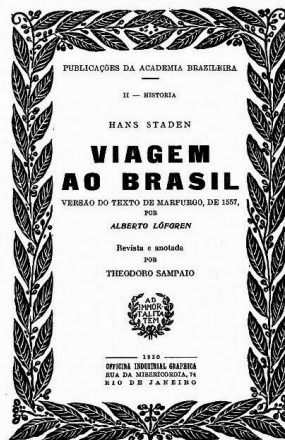
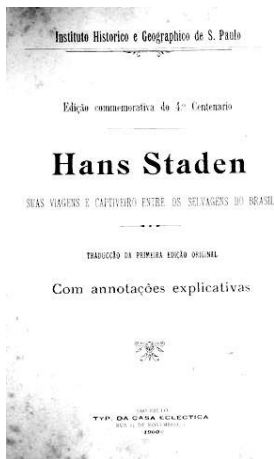
Na época em que Hans Staden estava para publicar seu livro, havia na Europa um descrédito em relação aos relatos de viagem, devido à quantidade de livros publicados repletos de mentiras e absurdos, como a existência de figuras mitológicas, unicórnios, hidras, pégasos etc: Assim, Staden tomou precauções, entre elas o aval de Dryander, para evitar ser chamado de embusteiro.

No Brasil, a primeira publicação do livro de Hans Staden foi em 1892 na **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, com tradução de Tristão de Alencar Araripe. No entanto, além de não ter sido traduzido direto da edição alemã, excluía os textos de apresentação de Staden e Dryander e as xilogravuras.

Em 1900, foi publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo o livro **Hans Staden – Suas Viagens e Captiveiros entre os Selvagens do Brasil**, com tradução a partir do original alemão de 1557, feita por Albert Löfgren, com as gravuras reproduzidas de fotos do original.

Em 1925, Monteiro Lobato publicou, pela sua editora Cia. Editora Nacional, o livro **Meu Cativo entre os Selvagens do Brasil**, somente com a primeira parte do livro original, aproveitando a tradução de Löfgren, mas reescrevendo numa linguagem mais popular. E em 1927, publicou **Aventuras de Hans Staden**, uma versão voltada para as crianças, dentro da série do Sítio do Picapau Amarelo, com a história narrada por Dona Benta. Essa versão tem sido republicada até hoje e várias dessas edições serão mostradas mais à frente.

Em 1930, a tradução de Alberto Löfgren, com revisão de Theodoro Sampaio, ganhou nova edição com o nome **Viagem ao Brasil**, pela Academia Brasileira, do Rio de Janeiro.



O livro de Staden continuou sendo publicado no Brasil por várias editoras de várias formas. Serão mencionadas algumas destas edições. Não dá para afirmar que todas são versões integrais.

Em 1955, **Viagem ao Brasil** teve segunda edição, dentro da Coleção Estudos Brasileiros, volume 10, pela Livraria Progresso Editora, de Salvador.

Em 1974, a editora Itatiaia, de Belo Horizonte, publicou o livro com o título **Duas Viagens ao Brasil**, utilizando a tradução de Guiomar de Carvalho Franco feita a partir da transcrição em alemão moderno por Carlos Fouquet.

Em 1999, a Dantes Editora publicou o livro com o título traduzido do nome completo do livro original: **A Verdadeira História dos Selvagens, Nus e Ferozes Devoradores de Homens, Encontrados no Novo Mundo, a América, e Desconhecidos Antes e Depois do Nascimento de Cristo na Terra de Hessen, Até os Últimos Dois Anos Passados, Quando o Próprio Hans Staden de Homberg, Hessen, os Conheceu, e Agora os Traz ao Conhecimento do Público por Meio as Impressão deste Livro**.

Em 2000, a editora Beca publicou **Duas Viagens ao Brasil** e em 2007 o Instituto Martius Staden publicou uma edição bilíngue, **Hans Staden – História de Duas Viagens ao Brasil**.

Houve ainda, além das mencionadas edições da L&PM e da Garnier/Valer, os livros **Viagem ao Brasil** da Martin Claret, em 2009; **Duas Viagens ao Brasil**, da editora Valer; e **Viagem ao Brasil** da editora Vozes de Bolso, em 2021. Algumas dessas, em especial a última, foram edições de bolso.

Hans Staden – Um Aventureiro no Novo Mundo é uma adaptação do texto original realizada por Luiz Antônio Aguiar para o público infanto-juvenil. Lançado pela editora Melhoramentos, com edições em 1988 e 2009.

Outra adaptação em livro ilustrado foi realizada pela editora Dimensão por Lucília Garcez com ilustrações de Jô Oliveira, sob o título **As Aventuras de Hans Staden entre os Índios do Novo Mundo**. O livro tem 32 páginas, o que indica que era destinada ao público infantil.



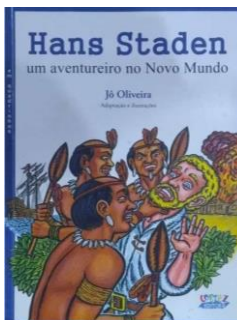
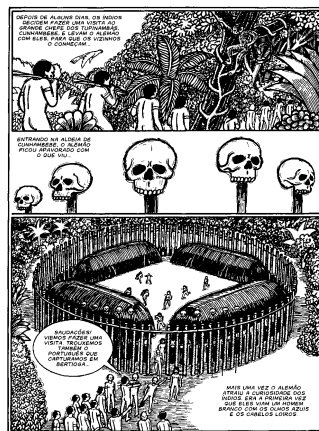
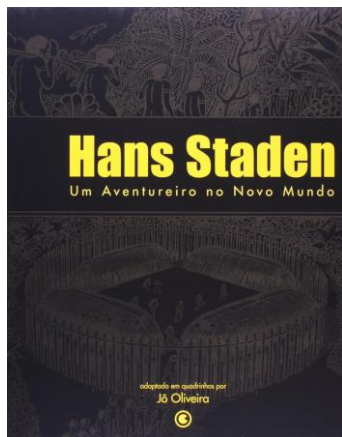
Monteiro Lobato escreveu dois livros com a história de Hans Staden. Em 1925, uma adaptação para o público adulto, usando uma linguagem mais popular. Em 1927, com o título **Aventuras de Hans Staden**, uma adaptação para o público juvenil com a história narrada pela Dona Benta, do Sítio do Picapau Amarelo. A seguir, várias capas de edições publicadas pela Brasiliense, L&PM, Ciranda Cultural, Pé da Letra, Lafonte, Globo e Círculo do Livro. Não dá para afirmar, pela capa, se as quatro primeiras, mostradas abaixo, trazem a adaptação de 1925, mas as seguintes são certamente da versão juvenil. A salientar que os livros de Lobato sempre trouxeram ilustrações de grandes artistas, nomes como Manoel Victor Filho, Belmonte e André Le Blanc, entre outros.



Curiosamente, o livro de Hans Staden teve poucas adaptações para os Quadrinhos. As várias séries de revistas de quadrinhos com adaptações de romances e biografias publicadas pela Ebal, RGE e outras editoras, aparentemente não trouxeram nenhuma edição com a história de Hans Staden. A consulta ao site **Grand Comix Database** não mostra qualquer edição do livro de Staden publicada nos EUA. Aparece apenas uma edição publicada em 2010 na Alemanha pela Wartberg Verlag, curiosamente uma edição bilingue, segundo a capa, em alemão e português.

No Brasil, foram publicados apenas 2 livros de quadrinhos com a história de Hans Staden. O primeiro é **Hans Staden – Um Aventureiro no Novo Mundo**, adaptação de Jô Oliveira, pela editora Conrad, em 2005, com nova edição em 2013 pela Editora Cortez. Os desenhos de Jô Oliveira, que sempre teve um traço emulando a xilografia, combinam com o registro iconográfico da obra original, que eram xilogravuras. A segunda é uma adaptação do livro de Monteiro Lobato, na coleção Monteiro Lobato em Quadrinhos da editora Globo em 2009, roteiro de Denise Ortega e desenhos de Stil.





A narrativa também foi para o cinema sob o título **Hans Staden** em 1999 dirigido por Luiz Alberto Oliveira, com 92 minutos, e depois em DVD pela Versátil Home Vídeo. Teve também adaptação para TV na série do Sítio do Picapau Amarelo, em 2002, com Thiago Lacerda como Hans.

